



# O Exército de Voluntários: Ainda Podemos Reivindicar que é um Sucesso?

General (R/1) Walter L. Stewart Jr., Exército dos EUA

*O Secretário do Exército Callaway positivamente brilhou. Em 1º de janeiro ele se encontrou com repórteres no Pentágono e afirmou que o Exército composto de voluntários é um sucesso. O Exército encerrou o ano de 1974 com um pouco mais de 783.000 homens e mulheres no serviço ativo, aproximadamente 1.400 militares a mais do que seu efetivo total autorizado. Esse número foi alcançado com o alistamento de aproximadamente 200.000 voluntários e com o reengajamento de outros 58.000 soldados.*

— Robert K. Griffith Jr.<sup>1</sup>

**E**M 1974, COM apenas 20 meses de experiência, o Exército integrado somente por voluntários foi declarado um sucesso. Mas isso foi baseado num recrutamento após o término de um contínuo período de combates e no início de um prolongado período de relativa segurança nas guarnições e de operações de manutenção de paz, entremeado por conflitos de curta duração.<sup>2</sup>

Mas podemos ainda reivindicar o mesmo sucesso em 2006 se consideramos o aumento da população dos EUA de aproximadamente 100 milhões desde 1974, quase o dobro de pessoas elegíveis devido à oportunidade oferecida às mulheres de ingressar na maioria das especializações militares, e as operações que, embora perigosas, não foram tanto quanto os prolongados conflitos anteriores?<sup>3</sup> Acredito que não, e ofereço como prova as modificações contínuas dos critérios exigidos para ingresso e o aumento de incentivos monetários para que se possa recrutar 80.000 soldados para o serviço ativo que resiste a expansão além de 500.000 integrantes, com os oficiais subalternos e praças tendo de enfrentar estoicamente um difícil rodízio seguido logo por mais outro.

Depois de três décadas, nosso experimento com uma força somente de voluntários foi a pique durante seu primeiro contato com operações de combate prolongadas. Além disso, acompanhando estes eventos, vêm as conseqüências de proporções ainda maiores: os perigos de viabilizar nossa Nação, mesmo agora que alista seu Exército, infringindo as lições de sua história e de civilizações ocidentais.

Nas primeiras páginas do livro “O Declínio e Queda do Império Romano”, o historiador Edward Gibbon descreve a natureza essencial de governo: “Os governos civis, como primeiras instituições, são associações

voluntárias para a defesa mútua. Para obter o fim desejado é absolutamente necessário que cada indivíduo se considere obrigado a submeter a sua opinião e ações particulares para o julgamento de um número maior de associados.”<sup>4</sup>

Gibbon sabia que os exércitos definem as nações e que o voluntariado em uma força armada deve estender apenas à submissão voluntária de uma vontade pessoal à vontade coletiva. Isso é um paradoxo que precisa ser analisado. Em um período na história, no qual o conflito entre Estados com tecnologia intensa parece estar diminuindo, o conflito com ações de baixa tecnologia com esquadrões e pelotões está aumentando. Em um trágico momento de escolha, nas três décadas após a Guerra do Vietnã, o recrutamento das forças americanas menosprezava as ciências humanas e culturais em favor da ciência impessoal, mas previsível dos mercados, conhecida como “oferta e procura”: “Se precisar de mais, pague mais. Se não puder pagar mais? — Faça com menos ou substitua.”

A confirmação simbólica desta difícil situação de “pé no chão” existe em todos os lugares. Homens e mulheres fardados são universalmente tratados como mercadorias escassas e raras; o nível político ou estratégico da guerra é estreito, diferentemente das áreas operacionais e táticas com conseqüências éticas e morais de enviar os jovens americanos para lugares perigosos como se fossem sutilmente descartados com afirmações tais como: “Eles são voluntários e querem estar lá.”<sup>5</sup> Os comandantes operacionais que sabem da escassez e da fragilidade dos grupos de combate, pelotões e companhias são injustamente escolhidos a tomar decisões de níveis elevados no teatro de operações e até de vitória no conflito. Como é que chegamos a esta situação?

## Agir às Pressas

Em 1970, os economistas Alan Greenspan e Milton Friedman se reuniram com outras autoridades nomeadas oficialmente para negar a probabilidade de conseqüências negativas com o surgimento de um movimento nacional para formar uma força somente de voluntários. Mas estas conseqüências negativas agora são evidentes e percebidas mais nos níveis operacionais e táticos.<sup>6</sup>

O grande experimento nacional de ter forças armadas compostas integralmente por voluntários é um fracasso aguardando a confirmação da verdade ou de uma tragédia. Ele depende de menos e menos pessoas para arcarem com as cruentas missões de defesa, absolvem multidões de qualquer privação fiscal, física ou mental que lutam em uma nova era de guerra assimétrica, não estatal, de ascendência de estados e que nega o poder humano em favor de uma crença quase mística na tecnologia. Nós nos maravilhamos com a vista e a promessa de um *F-22 Raptor*, mas até quando podemos ainda contar com a carnificina causada por uma granada de 155 mm, desenvolvida há décadas, armadilhada com detonadores improvisados e detonada por guerreiros culturais mal treinados? A guerra cultural como o liberalismo ocidental versus a tirania soviética, exige a mobilização e compromisso de culturas. Embora saibamos fazer isso, falta-nos a coragem de um diálogo sem sangue.

Numa segunda-feira, em 4 de dezembro de 1967, logo após as 9:30 da manhã, Joseph D. Melonson Jr., um descendente de escravos, mais

*O General Walter L. Stewart Jr. comandou em cada nível da Guarda Nacional do Exército, incluindo a 28ª Divisão de Infantaria. Possui o título de Bacharel pela Albright College e também o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. O Gen Stewart desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e Europa.*

Jesse B. Stevenson e Richard V. Thompson, descendentes dos pioneiros do faroeste, atravessaram o pátio do *Hall* da Infantaria, no Forte Benning, Geórgia, e fizeram o que milhares de praças tinham feito na Guerra do Vietnã: aceitaram a comissão da patente de 2º tenente de Infantaria do Exército dos EUA. Em 3 de dezembro, esses três homens eram conscritos (recrutas) e em 4 de dezembro, oficiais comissionados — e todos os três foram mortos em combate no Vietnã. Eles não foram incluídos entre os 17.725 alistados contados como mortos.<sup>7</sup>

Em 1967, um Exército formado por recrutas, que recebiam instruções na Escola de Formação de Oficiais, era muito comum. Dos 138 candidatos comissionados no Forte Benning em 4 de dezembro de 1967, 42 tinham sido recrutados como voluntários, e muitos dos outros, se o arquivo tivesse sido mantido, admitiriam ter sido “convocados pelo serviço militar obrigatório”.<sup>8</sup> Mas, ao mesmo tempo que esses jovens aceitaram os riscos de liderar pelotões em uma guerra no interior da selva, numa das piores distorções de moral e de más conseqüências para a história americana — rotulando a Guerra de Vietnã como “uma guerra de classes” — o fato entrou na discussão pública. Foi alegado que “a grande maioria dos americanos convocados que combateram na Guerra do Vietnã pertencia aos níveis mais baixos da escala sócio-econômica do País.”<sup>9</sup> Baseada nas percepções verdadeiras em vez de análises científicas, essa distorção adotou as proporções de uma lenda urbana — uma lenda que agora nos persegue ao ponto do fracasso tático, operacional e estratégico.

O serviço militar obrigatório e o seu incentivo comprovaram ser os grandes niveladores culturais e provedores da força. Anteriormente, o poder dos exércitos de voluntários e de pessoas convocadas pelo serviço militar obrigatório derrotou o fascismo, o imperialismo e manteve o Paralelo 38 na Coréia. Poderia, também, derrotar o Exército Norte-Vietnamita e Vietcong em cada combate importante no Vietnã. Naquela época, os profissionais do Exército sabiam como liderar com soldados cidadãos. Mas esse aspecto da liderança e do poder de combate que o acompanhava agora são esquecidos.<sup>10</sup> Esta força cultural e nacional é o que Greenspan, Friedman

e outros foram orientados a abandonar e, como servidores zelosos da autoridade presidencial, eles seguiram as ordens.

## Arrependá-se à Vontade

A história militar mostra que as mudanças estratégicas e as inovações no campo de batalha são percebidas, inicialmente, no nível da guerra de trincheira. Precisamos só pensar no fuzil, seu alcance e nas formações de linha ombro a ombro que se tornaram impraticáveis; na metralhadora e na artilharia aperfeiçoada que necessitaram de veículos blindados; e na produção em massa de armas inferiores que esmagaram a produção limitada das superiores. Todas essas mudanças, tão perigosas para as tropas no campo de batalha, resultaram de decisões críticas tomadas longe da área de operações.

O Presidente Richard M. Nixon anunciou uma dessas decisões em 27 de março de 1969: “Eu recomendei ao Presidente da Comissão das Forças Armadas o desenvolvimento de um plano abrangente para eliminar o serviço militar obrigatório em busca de uma força armada composta apenas de voluntários.”<sup>11</sup> E agora, em 2006, desdobramos oficiais subalternos e praças para realizar rodízios cada um mais difícil que o outro, e trocamos as funções disponíveis pelo irrealismo da tecnologia permitindo apenas os comandantes superiores escolher sua força no campo de batalha.

É indiscutível que a Comissão responsável pela formação de forças composta apenas de voluntários foi orientada para chegar as suas conclusões. Para validar essas conclusões da Comissão é necessário não apenas um período de paz relativa, mas também um período de combate contínuo. Nos encontramos agora num período de combate contínuo chamado Operação *Iraqi Freedom*, portanto seria oportuno realizar uma avaliação do decreto arbitrário de Nixon e seus impactos operacionais e táticos.

A história registra que a decisão de adotar uma força somente de voluntários e logo formar uma comissão com a responsabilidade de justificá-la foi fundamentada numa premissa falsa. Esse mito de “desigualdade no serviço militar obrigatório” baseado em classes foi apresentado formalmente a Nixon em janeiro de 1969, durante uma reunião no Gabinete Presidencial no qual participou o

Reverendo Theodore M. Hesburgh, Presidente da Universidade de Notre Dame e membro da Comissão dos Direitos Civis dos EUA. Hesburgh descreve o momento e a iniciativa estratégica lançada: “Eu avisei a Nixon para terminar logo a guerra no Vietnã. Ele me disse que ia fazer isso. Depois recomendei que ele desse o direito de votar às pessoas com 18 anos. Terceiro, eu disse que ele devia extinguir o serviço militar obrigatório porque era injusto. Os negros e hispânicos pobres estavam sendo forçados a ingressar no serviço militar obrigatório enquanto que a maioria dos brancos tinha muitas maneiras para evitá-lo. Eu aconselhei que devíamos adotar a formação de um Exército apenas de voluntários... duas semanas depois, recebi uma ligação... de Tom Gates, antigo Secretário da Marinha e um grande amigo. Ele não me pediu, ordenou que me associasse a sua nova Comissão para uma Força Somente de Voluntários. “Isso foi idéia sua,” Gates disse: “Você convenceu a Nixon adotá-la e agora eu sou o presidente da comissão. Então, como que você se manifestou anteriormente, agora estou lhe colocando na comissão.”<sup>12</sup>

Foi assim. Este foi o momento da concepção militar: “Eles querem estar lá”. As conclusões não científicas e extremamente errôneas de um homem devotado a Deus foram fundamentais para tirar cidadãos americanos das privações ou conseqüências do serviço militar. A grande igualdade republicana do nosso serviço militar obrigatório e seu incentivo foram abandonados por causa de uma percepção falsa de injustiça social e racial. Devido a decisões como essa é que se perdem culturas e exércitos.

### Os Repúdios da Comissão

Para apoiar sua decisão política, os comissários estudaram, discutiram, ponderaram e rapidamente dispensaram cada uma das seguintes objeções para um Exército somente de voluntários:

- Uma força apenas de voluntários seria extremamente custosa, tão custosa que a Nação não pode sustentá-la;
- A força somente de voluntários implica na falta de flexibilidade para um rápido aumento de efetivo em tempo de crise;
- Uma força somente de voluntários reduzirá o sentimento de patriotismo ao enfraquecer

a crença tradicional que cada cidadão tem a responsabilidade moral de servir sua pátria;

- A presença de conscritos em uma força integrada por pessoas de todas as classes protege contra o crescimento de um sistema de valores militares independentes, o qual pode causar uma ameaça à autoridade civil, à nossa liberdade e às nossas instituições democráticas;

- O pagamento de salários mais elevados necessários à manutenção de uma força voluntária seria muito atraente para os negros que têm, relativamente, poucas oportunidades no meio civil. Isso, combinado com as taxas mais altas de reengajamento dos negros, significará que um número desproporcional desse segmento passará a integrar o serviço militar do País. Os alistamentos e reengajamentos de brancos podem diminuir, levando a formação de uma

***A grande igualdade republicana do nosso serviço militar obrigatório e seu incentivo foram abandonados por causa de uma percepção falsa de injustiça social e racial.***

força de praças com a maioria absoluta de negros. As tensões raciais nos EUA cresceriam devido às apreensões dos brancos com respeito a esse desenvolvimento e, também, aumentaria o ressentimento dos negros ao arcarem com uma parte desproporcional dos cargos de defesa. Ao mesmo tempo, alguns dos negros mais qualificados estariam atuando em prol das Forças Armadas e não nas comunidades onde seus talentos são necessários;

- Os cidadãos que se alistam em uma força somente de voluntários são, em geral, aqueles de classes econômicas mais baixas, motivados principalmente pelas recompensas monetárias ao invés do patriotismo. Uma força somente de voluntários será guarnecida, sem dúvidas, por mercenários;

- Uma força somente de voluntários estimularia aventuras militares estrangeiras, incentivaria uma política estrangeira irresponsável e reduziria a preocupação civil sobre o emprego das Forças Armadas;

- Uma força voluntária será menos eficaz porque um menor número de jovens altamente qualificados alistar-se-ia na carreira militar. Enquanto a qualidade dos soldados diminui, o prestígio e a dignidade das Forças Armadas também declinarão, aumentando os problemas de recrutamento; e

- O orçamento de defesa não será aumentado para sustentar uma força somente de voluntários. Conseqüentemente, o Departamento de Defesa terá que reduzir suas despesas em outras áreas. Até mesmo se verbas adicionais fossem inicialmente alocadas, as decorrências a longo prazo, forçarão o Departamento de Defesa a absorver a despesa aumentada do orçamento para uma força somente de voluntários. O resultado pode ser uma deterioração geral da postura militar da nação.<sup>13</sup>

## A Incoerência da História

As preocupações que os representantes de Nixon ignoraram, como o desgaste do controle civil, a dependência das classes econômicas mais baixas, o desequilíbrio racial, o isolamento de uma força armada profissional, o sacrifício compartilhado, as aventuras militares, a capacidade de aumentar a força e ter recursos suficientes para mantê-la, freqüentemente reaparecem em debates contemporâneos e nas advertências históricas:

- Péricles, o comandante militar da antiga Atenas, opinou sobre o sacrifício compartilhado e as aventuras militares: “É impossível um homem defender pontos de vista justos e honestos sobre assuntos de guerra se ele não tiver, como todos os outros, filhos cujas vidas podem estar em jogo.”<sup>14</sup>

- James Madison, um coronel da milícia da Virgínia e autor de uma grande parte da Constituição dos EUA, convocou uma força integrada por conscritos para impor as leis, dizendo o seguinte sobre a voluntariedade em geral: “Nunca existiu um governo sem força armada. O que significa governo? Governo é uma instituição que obriga as pessoas a cumprirem com os seus deveres. Um governo que deixa um homem fazer o que quiser com o seu dever de cidadão não seria nem uma espécie nova de governo e muito menos um governo.”<sup>15</sup>

- O Presidente George Washington, comandante de uma milícia de campanha, era

o testemunho da virtude republicana, do risco, do sacrifício e da boa vontade compartilhada entre americanos nas mesmas fileiras: “Foi um espetáculo, onde foi possível contemplar o valor do Governo Republicano, dos cidadãos mais e menos ricos atuando nas mesmas fileiras como praças; preeminentemente distinguidos por integrarem o Exército da Constituição; não dissuadidos por uma marcha de 483 quilômetros por montanhas acidentadas, pela chegada de uma estação inclemente ou por qualquer outro desalento.”<sup>16</sup>

- Thomas Jefferson avisou ao Ministro da Guerra James Monroe para se preparar para uma “guerra interminável”: “Para este fim devemos organizar nossa nação, proporcionando homens e verbas indefinidamente. O primeiro pode ser feito organizando nossa milícia em classes e designando a cada uma os deveres para os quais são mais aptos. É bobagem falar de um exército ativo. Ele não existe entre um povo tão simples e feliz como o nosso. Seria mais fácil depender da chamada de um exército de anjos do céu.”<sup>17</sup>

- Rudyard Kipling, poeta e sociólogo, anteviu o impacto da “Grande Sociedade” de uma América desligada pós-Vietnã, seus efeitos na inclinação cada vez menor ao serviço militar e a chegada a um ponto sem retorno em nossa capacidade de deter o crescente inimigo (talvez já tenhamos passado deste ponto):

*Rapidamente eles destroem as muralhas que seus pais tinham construído para eles,*

*As antigas baterias inexpugnáveis, eles arrasaram e construíram,*

*Áreas de recreio e lazer, com entradas ilimitadas,*

*E refúgios de descanso para os gastadores, onde antigamente andavam as sentinelas,*

*E porque havia necessidade para mais pagamentos para os reivindicadores e manifestantes,*

*Eles dispersaram diante dos seus inimigos, seus soldados e arqueiros.*<sup>18</sup>

- General Bruce Palmer Jr., Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército de agosto de 1968 a junho de 1972, mostra a posição da liderança do Exército no período da implantação de uma força somente de voluntários e a pressão da

Administração Nixon para a adoção desse sistema. Palmer disse: “Filosoficamente, acredito que nenhum de nós (o General William Westmoreland e o Palmer) realmente concordou com a idéia porque acreditávamos que o soldado cidadão era responsabilidade de todos... não concordei com os seus aspectos filosóficos. Mas foi óbvio para nós que no início da administração Nixon seria abolido o serviço militar obrigatório... e talvez muito em breve... Um dia, o Secretário de Defesa Melvin Laird informou ao Chefe do Estado-Maior Conjunto que isso foi uma decisão firme do Presidente. Isso foi no início de 1969. O Sr Laird não concordou com a decisão. Ele calculava que o país não tinha condições de mantê-la. Disse também que provavelmente teríamos que voltar para o serviço militar obrigatório devido aos custos de uma força voluntária e certamente ele tinha razão... Mas isso foi decisão do Presidente e Laird esperava que todo mundo a aceitasse.”<sup>19</sup>

- Em 8 de março de 2001, o General John Keane, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército disse,: “Não há nenhuma garantia de que uma força somente de voluntários continuará a cumprir com as necessidades do Exército.”<sup>20</sup>

- Charles Moskos, um conscrito e professor emérito na *Northwestern University*, comenta sobre a redução dos padrões pessoais e o aumento das despesas monetárias para buscar voluntários: “Sem o serviço militar obrigatório, o que aconteceria? Uma redução nos padrões para ingresso nas Forças Armadas e um aumento exponencial nos custos de alistamento, como já vem ocorrendo. E podemos esperar, também, para ver o surgimento de novas políticas para recrutamento de não-americanos em nossas Forças Armadas. Os incorporados em uma força de voluntários são três vezes mais caros do que conscritos. A extinção do soldado cidadão abriu o caminho para uma força de carreira que é financiada hoje com o dinheiro do futuro. Agora, o Pentágono deve a seus soldados 654 bilhões de dólares em benefícios de aposentadoria futuros que não pode pagar.”<sup>21</sup>

## Recomposição da Força

Apesar do patriotismo e sacrifício dos nossos militares (homens e mulheres), uma política militar nacional construída por uma falsa suposição fracassará no momento mais crítico.

A decisão nacional de transformar o serviço militar somente para voluntários, construída na falsa idéia de uma parcialidade do serviço militar obrigatório é uma estratégia quase incapaz de sustentar um combate no Sudeste da Ásia, muito menos expandir-se para o Leste.

Para evitar o fracasso cataclísmico, devemos voltar para um Exército que se sustentou durante 17 anos de combate da Guerra Fria, na Coreia e no Vietnã, sofreu mais de 94.000 baixas, deteve a União Soviética até seu desmoronamento e manteve seu moral e coragem no nível tático

***É impossível para um homem defender pontos de vista justos e honestos sobre assuntos de guerra se ele não tem, como todos os outros, filhos cujas vidas podem estar em jogo.***

—Péricles

até que fosse sobrepujado pelo fracasso político no nível estratégico.<sup>22</sup> Esse exército foi uma instituição incentivada pelo serviço militar obrigatório e existe uma forma para trazê-lo de volta, mas primeiro devemos contestar os falsos argumentos que motivaram sua perda.

Em um artigo publicado dia 10 de janeiro de 2003, no *Wall Street Journal*, o ex-Secretário de Defesa Caspar W. Weinberger usou sua experiência como praça e oficial subalterno para se posicionar contra o retorno do serviço militar obrigatório e observou de forma totalmente desinformada: “Não havia nenhuma dúvida que os voluntários eram muito mais eficazes, ávidos para treinar e combater do que os conscritos e” Se aceitarmos a observação de Weinberger sem analisá-la, devemos nos maravilhar como os EUA superou a tirania nazista e o imperialismo japonês, porque na Segunda Guerra Mundial 93% dos militares do Exército eram conscritos.<sup>23</sup> E ao considerar que o jovem Weinberger era um praça de baixa graduação — pode-se imaginar como ele concluiu que os 7% voluntários do Exército eram “mais eficazes... e ávidos para treinar e combater.” A legitimidade do argumento de Weinberger desmorona quando é analisada superficialmente, somada a argumentos

igualmente decepcionantes sobre a “parcialidade do serviço militar obrigatório” para o apoio a essa asneira política que deixou nossa Nação cambaleada e nossos inimigos mais poderosos como os 10.000 terroristas no Iraque esperando-nos e salivando.<sup>24</sup>

A edição de março de 2003 da Revista *VFW Magazine* resume o serviço e sacrifício dos conscritos da era “Vietnã”: Durante aquela era, 1.728.344 homens foram recrutados para o serviço militar obrigatório. Das forças que realmente serviram no Vietnã 648.500, ou seja, 25% eram recrutas. Eles sofreram 17.725 baixas ou 30,4% das mortes em combate no Vietnã.

Além de dar crédito à observação do antigo Primeiro Ministro Britânico James Callaghan de que “uma mentira pode estar no outro lado do mundo antes da verdade poder ser dita” os argumentos contra o serviço militar obrigatório tais como aquele sustentado por Weinberger não possuem mérito. No entanto, como mitos, eles combinam bem com as falsidades da “guerra das classes” para rebaixar inteiramente o recorde do Exército na Era do Vietnã e, individualmente, os homens e mulheres que o integraram.<sup>25</sup> Estes soldados eram filhos e filhas da geração da Segunda Guerra Mundial e acreditar que o Exército que eles formaram foi consumido pelo desenfreado uso de drogas, aberta tensão racial e a indisciplina geral é acreditar que assim foi como a “Grande Geração” criou suas crianças.<sup>26</sup> Sim, os líderes do Exército no tempo do Vietnã tinham que tratar com as drogas e outros problemas dos soldados, da mesma forma que nossos líderes atuais o fazem, mas os fatores negativos da época não eram mais desgastantes do que são hoje e talvez possamos especular que um exército de voluntários, abandonado durante uma guerra que durou uma década, depois de sofrer mais de 50.000 mortes poderia fazer melhor.<sup>27</sup> Eu opino que não — cheguei a essa conclusão ao analisar os argumentos feitos para sustentar nosso Exército durante a Guerra Global Contra o Terrorismo.

Chegou a hora de reparar um terrível erro nacional ao retornarmos ao impressionante poder justo e de dissuasão de uma força armada integrada por jovens do serviço militar obrigatório. O tempo é curto porque apenas um sonhador pode imaginar um exército capaz de

sustentar-se em uma guerra contra dezenas de milhares quando quase não pode sustentar-se em uma guerra contra uns poucos milhares de terroristas. Existe uma maneira aceitável para retornar ao serviço militar obrigatório. Mas primeiro deveremos dissipar uma outra falsa noção: a de que o recrutamento obrigatório, coletivo e historicamente consagrado apenas serviu nosso país por alguns anos. Esta noção ignora a natureza do serviço realizado pelas milícias coloniais e estaduais e as décadas de serviço sob o comando dos governadores coloniais e estaduais. Durante uma grande parte da história americana, o serviço militar obrigatório era um fato da vida. Ele militarizou a cultura dos EUA de uma maneira que não era ameaçadora para a terra natal, mas extremamente ameaçadora para nossos inimigos. A existência das milícias e os efeitos do incentivo foram essenciais para rapidamente formarem-se forças ativas durante os períodos de guerra. Os *Army Rangers* (“Comandos” do Exército) adotaram seu nome das “unidades de reconhecimento de longo alcance (*ranging units*)”, milícias que enfrentavam as depredações de franceses e de índios. Os colonos ingleses e as companhias de fuzileiros que se juntaram as milícias da Nova Inglaterra em Boston em 1775 para formar o Exército dos Estados Unidos tinham sua base de recrutamento nas organizações de milícias da formação do país.<sup>28</sup>

A Nação pode seguir este precedente ao criar o serviço obrigatório nas unidades reguladas pelos estados, ou seja, as Guardas Nacionais. O serviço militar obrigatório para a Guarda Nacional teria apoio político caso seja feito em conjunto com a reorganização dos Componentes da Reserva. A Reserva do Exército deve transferir seus programas de unidades de tropas para a Guarda Nacional do Exército; a Guarda Nacional Aérea para a Reserva da Força Aérea; e o Chefe da Agência da Guarda Nacional deve ascender à patente de quatro estrelas, passando a subordinação direta do Chefe do Estado-Maior Conjunto e também ser designado Comandante do Comando do Norte.

A vontade política para a concretização dessa reorganização poderá vir dos governadores dos estados, ou seja, 50 comandantes-em-chefe que ganharão organizações militares que poderão



Army News Feature

*Pára-quedistas do 1º Batalhão da 173ª Brigada Aerotransportada saem de uma zona de aterragem lamacenta na selva do Vietnã, perto da Província de Phuoc Tuy, enquanto realizam uma missão de busca e destruição em 1966. Das forças que serviram no Vietnã, 648.500 (25%) eram conscritos.*

ser empregadas para as contingências estaduais em troca de unidades dotadas de aviões de caça, aviões-tanque e aviões de carga que não são tão úteis nessa área; exceto as proibições da *Posse Comitatus*, lei federal que proíbe o pessoal das Forças Armadas e da Guarda Nacional de agir em uma capacidade de imposição da lei dentro dos EUA, menos onde é expressamente autorizada pela Constituição ou Congresso. Nenhum general, assistente de comandante, soldado ou aviador perderá sua função. As forças da reserva disponíveis para o serviço federal não serão modificadas; o resultado do incentivo ao serviço militar obrigatório, como sempre o foi, manterá as forças da ativa normais; e o apelo patriótico do serviço obrigatório para a defesa da pátria e o apoio à possíveis contingências abrangerá,

particularmente as praças, cujas convocações para o serviço militar incidem sobre jovens mais dispostos.

Essas coisas são possíveis; os fatos comprovam que a sustentabilidade da força somente de voluntários não é real. E os atarefados oficiais subalternos são os que devem encontrar a vontade para vocalizar essa advocacia, porque anos atrás, nossos líderes superiores foram ordenados a “aceitar essa idéia” e eles sabiam que só que existia uma maneira de não aceitar.<sup>29</sup> E se eles encontrarem essa vontade para mudar, os oficiais subalternos, mais uma vez, comandarão “O Exército da Constituição” de Washington e nossa República evitará sua condenação da história.

Vamos esperar que Edward Gibbon não fosse capaz de nos dizer: “Nas idades mais puras

da nação, o emprego de armas foi reservado para aquelas fileiras de cidadãos que tinham um país para amar, um terreno para defender e alguma vontade na promulgação dessas leis para manter seus interesses bem como seus deveres.

Mas na mesma proporção que a liberdade pública foi perdida na extensão da conquista, a guerra foi gradualmente aprimorada até ser uma arte e, também, degradada para ser uma ocupação.”<sup>30</sup>MR

## Referências

1. GRIFFITH, Robert K. Jr., *United States Army's Transition to All-Volunteer Force, 1968-1974*, Army Historical Series (Defense Department, Army, Center of Military History, 1997), p. 249. Griffith afirma que dos 25,940 voluntários sem serviço anterior em junho de 1974, “82% marcaram pontos no âmbito da Categoria Mental I-III.”
2. O experimento com uma força somente de voluntários é do Exército e o primeiro fracasso constará nas estatísticas de seu pessoal. Argumentavelmente, o desmoronamento da União Soviética e a conseqüente redução das Forças Armadas dos EUA adiaram os debates para Forças Armadas somente de voluntários. Mas um número relativamente pequeno de insurgentes e terroristas no Iraque antecipa a chegada desse dia para nós.
3. Não quero diminuir o risco para os americanos engajados na Guerra Global Contra o Terrorismo ou o valor, patriotismo e sacrifício de milhares de nossos mortos e feridos. Mas os números são o que são e em comparação, o mês mais mortífero da Guerra do Vietnã — fevereiro de 1968 — constatou 3.895 americanos mortos em ação. Veja o artigo por Richard K. Kolb, “Korea and Vietnam: comparing participants and casualties,” *VFW Magazine*, junho/julho 2003, p. 23.
4. GIBBON, Edward, *The Decline and Fall of the Roman Empire* (New York: Modern Library, 2003), p. 5. GIBBON, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 1 (New York: The Modern Library, 2005), p. 196.
5. Este enunciado, com freqüentemente variações, é ouvido no nível da cadeia de comando não fardada e em suas proximidades. O antigo Secretário de Defesa Casper Weinberger, em um editorial publicado pela *Wall Street Journal*, em 10 de janeiro de 2003, oferece sua versão: “Uma vez, no início de 1982, o Presidente Reagan e eu revistamos uma força de soldados americanos jovens recém-alistados. Depois ele me disse, ‘Sabe Cap, eu indiscutivelmente preferia olhar cada um destes jovens nos olhos e saber porquê cada um quer estar aqui.’”
6. Eu especificamente menciono Alan Greenspan e Milton Friedman devido às conclusões da Comissão Presidencial sobre uma força armada somente de voluntários parecia, pela maior parte, como uma análise de mercado. Outros integrantes da comissão eram Thomas Gates, Thomas Curtis, Frederick Dent, Crawford Greenewalt, Alfred Gruenther, Stephen Herbits, Theodore Hesburgh, Jerome Holland, John Kemper, Jeanne Noble, Lauris Norstad, W. Allen Wallis e Roy Wilkins.
7. “The draft and historical amnesia – Now hear this: public remarks about the ineffectiveness of draftees are unwarranted”, *VFW Magazine*, March 2003, p. 8.
8. Ordens Especiais Número 286, 21 de novembro de 1967, Quartel-general, A Brigada dos Estudantes, A Escola de Infantaria do Exército dos EUA, Forte Benning, Geórgia. O termo “incentivados pelo serviço militar obrigatório” refere àqueles homens que alistaram-se ao invés de serem forçados a aceitar o serviço militar obrigatório. Historicamente, os incentivos para o serviço obrigatório foram um destacado instrumento para mobilizar as fileiras de outras Forças Singulares que não o Exército.
9. MOSS, George Donelson, *Vietnam an American Ordeal*, 2ª edição. (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1994), p. 243. A obra de Moss é uma excelente história sobre nosso envolvimento no Vietnã. É compreensível que ele repita esta distorção. Foi fácil acreditar e exigiria pesquisa e análise extensiva para desaprová-lo.
10. Embora minha recordação das minhas lições na Escola de Comando e Estado-Maior no Forte Leavenworth, Kansas, seja um pouco antiquada, lembro-me claramente a conclusão indiscutível que “a liderança é o elemento essencial do poder de combate.” Ao exaltar o conceito de “somente voluntários” para a exclusão de todas as outras coisas, negamos o poder humano que venceu todas as guerras do Século XX, incluindo a Guerra Fria.
11. Tirado das instruções do Presidente Richard Nixon para a Comissão de Somente Voluntários.
12. HESBURGH, Theodore M., *God, Country, Notre Dame* (New York: Doubleday, 1990), pp. 207-208.
13. Relatório da Comissão Presidencial para uma Força Armada Somente de Voluntários, Fevereiro de 1970, p. 129. Embora o descarte das objeções fosse a razão que Nixon designou a comissão no primeiro lugar, os descartes são encontrados por todo o relatório final, estes nove são especificamente mencionados no Capítulo Dois e repetidos tematicamente por todo o relatório.
14. THUCYDIDES, *A História da Guerra da Peloponésia* (New York: Penguin

- Books, 1972), p. 150.
15. MADISON, James, Palestra na Convenção da Virgínia para Ratificar o Controle das Forças Armadas, 16 de junho de 1788.
16. A Sexta Mensagem Anual para o Congresso de George Washington, 19 de novembro de 1794.
17. FORD, Paul Leicester, *The Works of Thomas Jefferson*, a Edição Federal (Nova York: G.P. Putnam, 1905), p. 437.
18. KIPLING, Rudyard, *The City of Brass*, 1909.
19. Tirada da História Oral do General Bruce Palmer, Jr., o Instituto da História Militar, Carlisle, Pensilvânia.
20. General John Keane, durante uma palestra para o Instituto de Guerra Terrestre, 8 de março de 2001. *AUSA News*, Volume 24, Número 7, maio de 2001.
21. MOSKO, Charles, “Feel the Draft?” *Chicago Tribune Online*, 8 de junho de 2005.
22. KOLB, Richard K., “Korea and Vietnam: comparing participants and casualties,” *VFW Magazine*, junho/julho de 2003, p. 21. O artigo cataloga 36.576 americanos mortos em ação na Coreia e 58.198 no Vietnã.
23. “The draft and historical amnesia-Now hear this” observações públicas sobre a ineficácia dos conscritos são injustificadas. Este artigo declara: “Na Segunda Guerra Mundial, 66% de todas as forças dos EUA eram conscritos. De 10,5 milhões de pessoal do Exército, 93% eram conscritos.
24. Eu mal posso imaginar que 10.000 terroristas constituem o total de nossa oposição no Iraque. No entanto, 10.000 é o número que o Senador Joseph Lieberman ofereceu durante um editorial publicado na *Wall Street Journal*, em 29 de novembro de 2005: “America cannot abandon the war between 27 million Iraqis and 10,000 terrorists.” Efetivamente, Lieberman está dizendo que 10.000 fanáticos inadequadamente treinados e armados estão levando o Exército ao ponto de quebra.
25. Na última década do Século XX, o estudo minucioso e a redação objetiva comprovaram a falsidade de serviço militar obrigatório como um argumento de “guerra das classes”. Veja BARNETT, Arnold, STANLEY, Timothy, e SHORE, Michael, “America’s Vietnam Casualties: Victim of a class War?” estudo de 1992 por pesquisadores da *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*.
26. Os exércitos americanos incentivados pelo serviço militar obrigatório eram subsistemas da cultura americana e o Exército que lutou no Vietnã não era isento do impacto das lutas para os direitos civis das décadas de 1960/1970 e do assassinato em 4 de abril de 1968 do Dr. Martin Luther King.
27. Argumentavelmente, o controle do uso de drogas nas Forças Armadas somente de voluntários é uma função dos exames de urina “sem notícia”. Antes destes exames, usuários de drogas tinham que ser apanhados no ato de usar as drogas, investigados e comprovados pelos relatórios de outras pessoas ou durante as inspeções degradantes de busca meticulosa — inspeções que isentavam oficiais e praças antigas. Depois de que os exames de urina foram adotados, eu fui verificado anualmente durante um exame de 100% da pessoal de aviação e uma vez aleatoriamente quando servi como um comandante de divisão. Também, vale destacar que um artigo da *Wall Street Journal* declarou que “As praças que entram no Exército com uma história de depressão moderada agora podem tomar os antidepressivos Paxil ou Zoloft.”
28. Provavelmente a mais famosa das companhias de fuzileiros que foi recrutada e comandada por Daniel Morgan. Precisando de apenas 10 dias para recrutar 96 homens para as fileiras, Morgan e sua companhia partiram de Winchester, Virgínia, no início de julho de 1775 e depois de uma marcha de 21 dias se apresentaram para prestar serviço. A marcha foi de 600 milhas (966 quilômetros) e nenhum homem foi perdido devido a doença ou deserção. GRAHAM, James, *The Life of General Daniel Morgan, of the Virginia Line of the Army of the United States* (Nova York: Derby and Jackson, 1856), pp. 54-55.
29. Os líderes superiores, quase exclusivamente nos níveis da política de defesa, são mais prováveis de sofrer de orgulho de composição de uma matéria escrita e menos provável, quando comprovados errados, de engolir este orgulho. Também, a severidade de “aceitar” dos líderes não fardados — o “efeito Shinseki — não pode ser diminuída. Uma vez que aceita-se, parece que a única maneira de abandonar a idéia seja a morte.
30. GIBBON